

Publicação qualificada urgente e a todo custo

Urgent qualified publication at any cost

Publicación calificada urgente y a todo costo

Joel Faintuch¹

Mario Cícero Falcão²

A questão não é recente. Há 20 anos já tomava corpo e há dez já se encontrava bem cristalizada junto às grandes universidades. Todo mestrado e doutorado deveriam ser obrigatoriamente divulgados em revista indexada.

O que mudou foi a disseminação da idéia e o senso de urgência com que isto sucedeu. Um verdadeiro tsunami anda varrendo o território nacional, de norte a sul e de leste a oeste. Departamentos se mobilizam como para uma guerra e pós-graduandos, aflitos, se desesperam, no afã de encontrar bom porto para seus suados e sofridos textos.

Alguns retorquiriam que esta é uma tragédia boa. O princípio já é consagrado universalmente, e que mal haveria em se direcionar aluno e orientador para uma publicação nobre, de que eles seriam os maiores beneficiários?

Boas ou não, tragédias não se encenam sem mortos e feridos. Os gemidos já ecoam ao longe, e seu volume só tende a aumentar. Porque artigos diferenciados não nascem por decreto nem por pensamento mágico; linhas de pesquisa bem fundamentadas não crescem em árvores; idéias originais requerem milhares de horas investidas previamente em idéias não originais.

São muito raros os investigadores nacionais cujas submissões são aceitas regularmente, ano após ano, em periódicos Qualis A Internacional. Outros somente conseguem atingir este alvo esporadicamente, e – a verdade seja dita –, a grande maioria permanece distante deste gabarito. Não seria razoável, portanto, cobrar justamente do elo mais frágil da corrente, que é o pós-graduando, uma contribuição inaugural no exterior.

Nem mesmo as aprovações nacionais são deveras fáceis. Os editores de revistas buscam pérolas e brilhantes que façam sua revista cintilar. Sobram artigos repetitivos semelhantes a muitos outros, com desenhos experimentais confusos ou sem qualquer hipótese, ou ainda cujas casuísticas são pequenas ou heterogêneas e não possibilitam conclusões.

Antes de se deduzir que os editores são todos tiranos arrogantes e cruéis, vale recordar que eles também são julgados com severidade pelas entidades classificadoras e indexadoras. Mais ainda, atualmente, é o próprio leitor que se converteu no principal inquisidor, e sua nota acaba sendo a mais relevante. Na medida em que ele utiliza, ou não, nas citações dos seus próprios artigos – aqueles da revista lida –, estará contribuindo positiva ou negativamente para o respectivo índice de impacto.

Às universidades restam não poucas perguntas a responder. Ou alguém, em sã consciência, admite que uma ou duas aulas de Metodologia da Pesquisa Científica e algumas mais de Bioestatística converterão todo noviço em um cientista internacional?

Os atalhos dificilmente são bem sucedidos em ciência e programas de 50 anos em cinco somente existem na política, não na pesquisa segura e responsável. Sigmund¹ ressalta que publicações dependem de inclinações antagônicas entre os humanos, nominalmente de cooperação por uma parte, e de ciúmes, ameaças e retaliações por outra. Sábias ponderações, porém de escassa utilidade prática.

Syam², por sua vez, aconselha aos iniciantes a dar preferência aos artigos de revisão, menos complexos e controversos. Novamente um conselho imbuído de generosidade e compaixão, porém que não resolverá o impasse dos pós-graduandos.

Atitudes questionáveis por parte de editores e revistas por vezes afloram. Bailar et al.³ lavraram recentemente seu veemente protesto, porque uma grande editora recusou um

¹ Editor-chefe da Revista Brasileira de Nutrição Clínica (RBNC)

² Editor associado da RBNC

estudo ocupacional com funcionários de uma instituição multinacional de computação, que colocaria suas práticas empresariais sob um foco indesejável.

O próprio índice de impacto, hoje considerado padrão-ouro e categorizador supremo da imprensa científica, tem sido objeto de não poucas críticas⁴. De uma forma ou de outra, estes e outros espinhos permanecerão entre nós ainda por bastante tempo, pois são intrínsecos à natureza humana.

Existe saída para este dilema? Certamente, e a solução advém da experiência acumulada nos centros mais bem preparados para lidar com publicações sérias. A visibilidade da ciência brasileira já se revela em franca ascensão, e avanços ulteriores ocorrerão. Para os demais, desgraçadamente o caminho é pleno de armadilhas, e galgar degraus requererá boa dose de sacrifício.

Em síntese, publicação qualificada sim, sempre que possível. Urgente e a qualquer custo são raciocínios mais adequados para times de futebol em vésperas de desclassificação ou rebaixamento. Os textos acadêmicos justificam um planejamento melhor e mais responsável.

Referências bibliográficas

1. Sigmund K. Punish or perish? Retaliation and collaboration among humans. *Trends Ecol Evol* 2007;24.
2. Syam AF. Tips and tricks in writing review article. *Acta Med Indones* 2007;39:143-4.
3. Bailar JC 3rd, Ciolella A, Harrison R, LaDou J, Levy BS, Rohm T et al. IBM, Elsevier Science, and academic freedom. *Int J Occup Environ Health* 2007;13:312-7.
4. Postma E. Inflated impact factors? The true impact of evolutionary papers in non-evolutionary journals. *PLoS ONE* 2007;2:e999.